

PHILARÈTE CHASLES

O olho sem pálpebra

("L'oeil sans paupière", 1832)

Os autores pouco célebres de contos fantásticos são certamente mais numerosos que os nomes de fama. É justo que a nossa antologia dê lugar a pelo menos um deles. Philarète Chasles (1799-1873), francês, filho de um membro da Convenção que havia votado pela condenação de Luís XVI à morte, teve de fugir da França bem jovem, quando sobreveio a Restauração. Viveu na Inglaterra e na Alemanha, antes de retornar à França em 1823. Professor de literaturas estrangeiras no Collège de France, conservador da Bibliothèque Mazarin, pertence à família dos escritores bibliotecários, como antes dele Nodier e, depois, Schwob e Borges.

"O olho sem pálpebra", publicado na antologia anônima Contes bruns (1832), em que também colaborou Balzac, é um conto de ambiente escocês sobre as crenças populares dos duendes e das fadas, representadas com adesão ao espírito pânico e pagão, mas também com uma condescendência ao anátema cristão que as associa aos cultos diabólicos. E a época da descoberta romântica do folclore e da moda escocesa dos romances de Walter Scott. Mas não é apenas pela documentação folclórica que este conto merece ser lembrado hoje. A imagem dominante é um perturbador pesadelo psicológico: um olho escancarado que está sempre às costas de um homem, sem nunca o perder de vista. Posto que esse homem havia causado a morte da mulher por ciúme, o olho sem pálpebra que o persegue constitui uma espécie de contrapasso.

O final nos transporta para além do oceano, entre os pioneiros do Ohio e os pelesvermelhas.

Mas é claro que as barreiras geográficas não contam para os duendes escoceses.

Hallowe'en, Hallowe'en!", gritavam todos, "esta é a noite santa, a bela noite dos skelpies e dos fairies! Carrick! E você, Colean, vem? Todos os camponeses de Carrick-Border estão lá, nossas Megs e nossas Jeannies também irão. Levaremos

bom uísque nos cantis de estanho, cerveja espumante, o parritch saboroso. O tempo está bonito; a lua deve brilhar; companheiros, as ruínas de Cassilis-Downans jamais terão visto assembléia mais alegre!"* (* Skelpies: demônio das águas. Fairies: fadas. Carrick-Borâer:

nome de um cantão. Parritch: pudim da Escócia. (N. A.))

Assim falava Jock Muirland, fazendeiro, viúvo e ainda moço. Como a maioria dos camponeses da Escócia, era teólogo, meio poeta, grande bebedor, mas muito econômico.

Murdock, Will Lapraik, Tom Duckat estavam ao seu redor. A conversa se passava perto da aldeia de Cassilis.

Talvez vocês não saibam o que é o Hallowe'en: é a noite das fadas; acontece em meados de agosto. Então se vai consultar o feiticeiro da aldeia; então todos os duendes dançam nas samambaias, cruzam os campos a cavalo, em cima dos pálidos raios da lua. É o Carnaval dos gênios e dos gnomos. Então não há gruta nem rochedo que não tenha o seu baile e sua festa, não há flor que não estremeça ao sopro de uma sílfide, não há dona-de-casa que não feche cuidadosamente sua porta, com medo de que o spunkie** (** Spunkie: trasgo, duende. (N. A.)) roube o almoço do dia

seguinte e sacrifique às suas diabruras a refeição das crianças que dormem abraçadas no mesmo berço.

Assim era a noite solene, misto de capricho fantástico e de um secreto terror, que ia se comemorar nas colinas de Cassilis. Imaginem um terreno montanhoso, que ondula como o mar, e cujas inúmeras colinas são atapetadas por um musgo verde e brilhante; ao longe, no alto de um pico escarpado, os muros serrilhados de um castelo destruído, cuja capela, privada de seu telhado, conservou-se quase intacta e faz brotar no puro éter suas pilastras finas, esbeltas como galhos no inverno, despojados de sua folhagem. Nesse cantão a terra é estéril. A giesteira dourada serve de refúgio para a lebre; a rocha aparece nua de quando em quando. O homem, que só reconhece um poder supremo na desolação e no terror, olha para

esses terrenos estéreis como marcados pela própria chancela da Divindade. A imensa e fecunda benevolência do Altíssimo inspira-nos pouca gratidão: é seu castigo e seu rigor que nós adoramos.

Portanto, os spunkies dançavam na relva miúda de Cassilis, e a lua, que se levantara, parecia larga e vermelha através dos vidros quebrados do grande pórtico da capela. Parecia suspensa como uma grande rosácea cor de amaranto, sobre a qual se desenhava um fragmento de trevo de pedra mutilado. Os spunkies dançavam.

O spunkie! É uma cabeça de mulher, branca como a neve, com longos cabelos cor de fogo. As belas asas, drapeados sustentados por fibras finas e elásticas, se prendem não no ombro, mas no braço branco e fino cujo contorno elas seguem. O spunkie é hermafrodita; a um rosto feminino junta essa elegância esbelta e frágil da primeira adolescência viril. A única vestimenta do spunkie são suas asas, um tecido fino e macio, folgado e apertado, impenetrável e leve, como a asa do morcego. Um tom amarronzado, fundido num púrpura azulado, reluz sobre esse vestido natural que forma pregas em torno do spunkie em repouso, tal como as pregas do estandarte em torno do mastro que o porta. Longos filamentos, que lembram o aço polido, sustentam esses véus compridos com que o spunkie se enrola; suas garras de aço armam as extremidades. Ai da dona-de-casa que se aventurar de noite perto do pântano onde o spunkie se aninha, ou na floresta que ele percorre!

A ronda dos spunkies se iniciava nas margens do Doon quando o grupo alegre, mulheres, crianças, moças, se aproximou. Os duendes logo desapareceram. Todas aquelas grandes asas, abrindo-se ao mesmo tempo, escureceram o ar. Parecia uma nuvem de pássaros que, de repente, levantasse vôo do meio dos juncos farfalhantes. A claridade da lua turvou-se por um instante; Muirland e seus companheiros pararam.

"Estou com medo!", exclamou uma moça.

"Ora!", recomeçou o fazendeiro, "são os patos selvagens levantando vôo!"

"Muirland", disse-lhe o jovem Colean com ar de reprimenda, "você vai acabar mal; não acredita em nada."

"Vamos queimar nossas nozes, quebrar nossas avelãs", Muirland retrucou, sem ligar para a reprimenda de seu amigo. "Sentemo-nos aqui e esvaziemos nossas cestas. Este é um belo pequeno abrigo; a rocha nos cobre; a grama nos oferece um leito macio. O grande diabo não me perturbaria nas minhas meditações, que vão sair destas jarras e garrafas."

"Mas os boggillies e os brownillies podem nos encontrar aqui", disse timidamente uma moça.

"O cranreuch leva-os embora!", Muirland interrompeu. "Depressa, Lapraik, acenda aqui, perto da pedra, uma fogueira de folhas mortas e galhos; aqueceremos o uísque; e se as moças querem saber que marido Deus ou o diabo lhes reserva, temos aqui como satisfazê-las. Bome Lesley trouxe espelhos, avelãs, linhaça, pratos e manteiga. Lasses, não é disso que se precisa para as suas cerimônias?"* (*

Boggillies: espíritos dos bosques. Brownillies: espíritos das samambaias. Cranreuch: vento do Norte. Lasses: as

moças. (N. A.)

"É, é", responderam as moças.

"Mas primeiro vamos beber", recomeçou o fazendeiro, que, por seu temperamento dominador, sua fortuna, seu celeiro bem abastecido de trigo e seus conhecimentos agrícolas, conquistara certa autoridade no cantão.

Ora, meus amigos, vocês sabem que de todos os países do mundo, aquele onde as classes inferiores têm mais instrução e ao mesmo tempo mais superstições é a Escócia. Perguntem a Walter Scott, esse sublime camponês escocês, que deve sua grandeza apenas a essa faculdade recebida de Deus para representar simbolicamente todo o gênio nacional. Na Escócia acredita-se em todos os gnomos, e se discutem nas cabanas temas de abstrata filosofia.

A noite do Hallowe'en é especialmente dedicada à superstição. Eles então se reúnem para penetrar no futuro. Os ritos necessários para se obter esse resultado são conhecidos e invioláveis. Não há religião mais estrita em suas observâncias. Era sobretudo essa cerimônia cheia de interesse, em que cada um é ao mesmo tempo

sacerdote e feiticeiro, que os moradores de Cassilis consideravam o objetivo da excursão e a distração da noite. Essa magia rústica tem um encanto inexprimível. Ela pára, por assim dizer, no ponto limítrofe entre a poesia e a realidade; todos se comunicam com as forças infernais, sem renegar totalmente Deus; transformam em objetos sacros e mágicos os objetos mais vulgares; criam com uma espiga de trigo e uma folha de salgueiro esperanças e horrores.

Reza o costume que só se iniciem as encantações do Hallowe'en à meia-noite em ponto, hora em que toda a atmosfera é invadida pelos seres sobre-humanos, e em que não só os spunkies, primeiros atores do drama, mas todos os batalhões da magia escocesa vêm se apossar de seus domínios.

Nossos camponeses, reunidos às nove horas, passaram o tempo a beber, a cantar aquelas velhas e deliciosas baladas em que a linguagem deles, melancólica e ingênua, se conjuga tão bem com o ritmo sincopado, com a melodia que desce de quarta em quarta por estranhos intervalos, com o emprego singular do gênero cromático. As moças, com seus xales coloridos e seus vestidos de sarja, de uma admirável limpeza; as mulheres, com o sorriso nos lábios; as crianças, exibindo essa bela fita vermelha amarrada no joelho, que serve de liga e de enfeite; os jovens cujo coração batia mais depressa ao se aproximar o momento misterioso em que o destino ia ser consultado; um ou dois velhos que a saborosa cerveja devolvia à alegria de seus verdes anos formavam um grupo de grande interesse, que Wilkie gostaria de pintar, e que na Europa teria regalado todas as almas ainda acessíveis, entre tantas emoções febris, às delícias de um sentimento verdadeiro e profundo. Muirland, em especial, dedicava-se inteiramente à alegria ruidosa que borbulhava junto com a espuma grossa da cerveja e se comunicava a todos os presentes.

Era um desses temperamentos que a vida não doméstica, um desses homens de inteligência vigorosa que lutam contra o vento e a tempestade. Uma moça do cantão, que unira seu destino ao de Muirland, tinha morrido de parto depois de dois anos de casamento, e Muirland havia jurado nunca mais se casar. Na vizinhança ninguém ignorava a causa da morte de Tuilzie: era o ciúme de Muirland. Tuilzie, uma

menina delicada, tinha apenas dezesseis anos quando se casou com o fazendeiro. Amava-o e não conhecia a violência dessa alma, a fúria capaz de excitá-la, o tormento cotidiano que podia infligir a si mesmo e aos outros. Jock Muirland era ciumento; a ternura ingênua de sua jovem companheira não o deixava sossegado. Um dia, em pleno inverno, mandou-a fazer uma viagem a Edimburgo, para arrancá-la das pretensas seduções de um jovem laird* (*Laird: proprietário de terras. (N. T.)) que tivera a fantasia de passar o inverno no campo.

Todos os amigos do fazendeiro, e até o pároco, não lhe pouparam as advertências; ele nada respondia, apenas que amava ardorosamente Tuilzie e que era o melhor juiz sobre o que podia contribuir para a felicidade de seu lar. Sob o teto rústico de Jock, não raro havia gemidos, gritos, soluços que ecoavam lá fora; o irmão de Tuilzie fora comunicar ao cunhado que seu comportamento era indesculpável; uma briga violenta seguiu-se a essa providência; a jovem ia definhando, dia a dia. Finalmente a tristeza que a consumia levou-a.

Muirland caiu num profundo desespero, que durou vários anos; jurara que permaneceria viúvo, mas como neste mundo tudo é passageiro, foi aos poucos apagando a lembrança daquela de quem tinha sido o carrasco involuntário. As mulheres, que durante muitos anos o viram com horror, finalmente o perdoaram; e a noite do Hallowe'en o encontrava tal como era no passado, alegre, cáustico, divertido, bebendo muito e fecundo em excelentes histórias, em brincadeiras rústicas, em estribilhos barulhentos, que animavam a reunião noturna e entretinham seu bom humor.

Já havia se esgotado a maioria das velhas romanças históricas quando soaram as doze badaladas da meia-noite e propagou-se ao longe o eco de suas vibrações. Eles tinham bebido à farta. Eis que chega o momento das superstições de praxe. Todos, menos Muirland, se levantaram.

"Procuremos o kail, procuremos o kail!", exclamaram...

Rapazes e moças se espalharam pelos campos e voltaram pouco a pouco, cada um

trazendo uma raiz arrancada da terra: era o kail. É preciso desenraizar a primeira planta que se apresenta sob seus passos; se a raiz é reta, a sua mulher ou o seu marido serão elegantes e afáveis; se a raiz é torta, você se casará com uma pessoa disforme. Se ainda há terra presa nos filamentos, o seu lar será fecundo e feliz; se a sua raiz for lisa e mirrada, você não ficará muito tempo casado.* (* Esses costumes ainda

são populares na Escócia. (N. A.)) Imaginem as gargalhadas, o tumulto alegre e as brincadeiras a que, nas aldeias, essa pesquisa conjugal dava lugar; todos se empurravam, se apertavam; comparavam os resultados de sua investigação; até as crianças pequenas tinham o seu kail.

"Pobre Will Haverrei!", exclamou Muirland dando uma olhada na raiz que um rapazinho segurava, "a sua mulher será torta; o seu kail parece o rabo do meu porco."

Depois se sentaram em roda e começaram a experimentar o sabor de cada raiz; raiz amarga é sinal de um marido mau; raiz adocicada, um marido imbecil; raiz perfumada, um esposo de bom humor. A essa grande cerimônia seguiu-se a do tappickle.

De olhos vendados, cada moça vai colher três espigas de trigo. Se em alguma estiver faltando o grão que coroa a espiga, ninguém duvida de que o futuro marido da aldeã terá de lhe perdoar uma fraqueza cometida antes da noite nupcial. "Oh, Nelly! Nelly! As suas três espigas estavam todas sem o tap-pickle, e você não vai escapar das nossas caçoadas. E a verdade é que ainda ontem o fause-house, ou celeiro de reserva, foi testemunha de uma conversa bem longa entre você e Robert Luath."

Muirland os observava sem se envolver ativamente em seus jogos. "As avelãs! As avelãs!", exclamaram.

Tiraram da cesta um saco cheio de avelãs e se aproximaram do fogo, que era permanentemente alimentado. A lua brilhava, pura e quase radiosa. Cada um pegou sua avelã. Esse feitiço é famoso e venerado. Formam-se casais; o homem dá à

avelã escolhida o seu próprio nome, e coloca no fogo, ao mesmo tempo, a sua avelã e aquela batizada com o nome de sua namorada. Se as duas avelãs queimarem tranqüilamente lado a lado, a união será longa e serena; se as avelãs estourarem e se afastarem ao queimar, discórdia e separação no casamento. Não raro é a moça que se encarrega de arrumar no fogo o duplo símbolo ao qual toda a sua alma está unida; e qual não é a sua tristeza quando esse divórcio acontece e o marido lançase crepitando para longe dela!

Batia uma hora, e os camponeses não estavam cansados de consultar seus oráculos místicos. O terror e a fé que se mesclavam nesses feitiços conferiam-lhes um novo encanto. Os spunkies recomeçavam a se mexer no meio dos juncos agitados.

As moças tremiam. A lua, agora alta no céu, estava coberta por uma nuvem.

Fizeram a cerimônia do pote de terra, a da vela soprada, a da maçã, grandes conjurações que não revelarei. Willie Maillie, uma das mais lindas moças, mergulhou três vezes o braço na água do Doon, exclamando: "Meu futuro esposo, meu marido que ainda não o é, onde estás? Aqui tens minha mão". Três vezes o feitiço fora repetido quando se ouviu a moça dar um grito.

"Ai! meu Deus! O spunkie agarrou minha mão", ela exclamou. Todos se juntaram ao seu redor e estremeçeram, exceto Muirland. Maillie mostrou sua mão toda ensangüentada; os juizes dos dois sexos, que graças à longa experiência eram hábeis na interpretação desses oráculos, concordaram sem hesitar que o arranhão não era causado, como pretendia Muirland, pelas pontas de um junco espinhoso, e que o braço da moça apresentava de fato a marca da garra afiada do spunkie..

Também reconheceram unanimemente que, por causa dessa experiência, Maillie estava ameaçada de ter mais tarde um marido ciumento. O fazendeiro viúvo tinha bebido, creio, um pouco mais que o razoável.

"Ciumento! Ciumento!", ele exclamou.

Parecia ver nessa declaração de seus companheiros uma alusão maldosa à sua própria história.

"Eu", Muirland continuou, esvaziando um cantil de estanho cheio de uísque até a borda, "preferiria cem vezes me casar com o spunkie a me casar uma segunda vez. Soube o que é viver acorrentado; mais vale ficar aprisionado dentro de uma garrafa fechada hermeticamente, na companhia de um macaco, um gato ou um carrasco. Tive ciúme de minha pobre Tuilzie. Talvez estivesse errado, mas como, pergunto a vocês, não ser ciumento? Qual é a mulher que não exige uma vigilância contínua? Eu não dormia à noite, não a largava durante o dia inteiro; não pregava o olho nem um instante. Os negócios da minha fazenda iam mal; estava tudo morrendo. A própria Tuilzie definhava diante de meus olhos. Vá para cinco milhões de diabos o casamento!

Uns riram, outros, escandalizados, se calaram. Restava testar a última e mais temível encantação: a cerimônia do espelho. Com uma vela na mão, cada um se coloca na frente de um espelhinho; sopra três vezes no vidro e o enxuga repetindo três vezes: "Apareça, meu marido", ou: "Apareça, minha mulher!". Então, em cima do ombro de quem consulta o destino, mostra-se claramente uma figura que se reflete no espelho; é a da companheira ou a do marido invocados.

Depois do exemplo de Maillie, ninguém se atrevia a desafiar de novo as forças sobrenaturais. O espelho e a vela estavam lá sem que ninguém pensasse em usá-los.

O Doon fremia entre os juncos. Seu longo rastro prateado, trêmulo sobre as ondas distantes, era, aos olhos dos aldeões, o rastro faiscante dos skelpies ou espíritos

das águas; a jumenta de Muirland, sua pequena jumenta das Highlands, de rabo preto e peito branco, zurrava a plenos pulmões, o que é sempre sinal de que um espírito mau está por perto. O vento refrescava, as varas dos juncos balançando formavam um triste e longo murmúrio. Todas as mulheres começavam a falar em volta; tinham excelentes razões, como reprimendas a seus maridos e seus irmãos, conselhos de saúde para seus pais, em suma, a eloquência doméstica à qual, infelizmente!, nós, reis da natureza e do mundo, só raramente resistimos.

"Pois bem! Quem de vocês se apresentará diante do espelho?", exclamou Muirland.

Ninguém respondeu...

"Vocês têm bem pouca coragem", continuou. "O sopro do vento deixa-os tremendo como vara verde. Quanto a mim, que não quero mais saber de esposa, como sabem, porque quero dormir, e que minhas pálpebras se negam a fechar tão logo eu me transformo em marido, para mim é impossível começar o feitiço. Vocês sabem disso tanto quanto eu."

Por fim, como ninguém quisesse segurar o espelho, Jock Muirland o pegou. "Vou dar o exemplo." Então agarrou sem titubear o espelho fatal; acenderam a vela e ele repetiu bravamente a encantação:

"Mas apareça, minha mulher", exclamou Muirland.

Logo uma figura pálida, coberta de cabelos de um louro fulvo, mostrou-se no ombro de Muirland. Ele estremeceu, virou-se para ter certeza de que uma das moças do cantão não estava atrás dele imitando a aparição. Mas ninguém havia parodiado o espectro; e embora o espelho tivesse se quebrado na terra ao escapar da mão do fazendeiro, sobre o seu ombro a mesma cabeça branca e a cabeleira de fogo continuavam presentes: Muirland dá um grito violento e cai de cara no chão.

Se vocês vissem todos os moradores da aldeia fugindo aqui e acolá, como folhas levadas pelo vento! Naquele lugar onde, pouco antes, tinham se entregado às suas diversões rústicas, só sobraram os restos da festa, o fogo quase apagado, os cantis e as bilhas vazias, e Muirland deitado na grama. Uma profusão de spunkies e seus acólitos voltavam, e a tempestade que se armava no céu misturava-se ao canto sobrenatural deles, aquele assobio longo que os escoceses chamam tão pitorescamente de sugh. Muirland, ao se levantar, olhou de novo acima do ombro: sempre a mesma figura. Ela sorria para o camponês, mas não dizia uma palavra, e Muirland não conseguia adivinhar se aquela cabeça pertencia a um corpo humano, pois só se mostrava quando ele se virava.

Sua língua gelava e permanecia grudada no céu da boca. Tentou puxar conversa com o ser infernal e convocou em vão toda a sua coragem; mal percebia aqueles traços pálidos e os cachos cor de fogo, todo o seu corpo estremeceu. Resolveu fugir,

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

